

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Faculdade de Formação de Professores

Departamento de Educação

**Bullying no cotidiano de escolas de São Gonçalo e programas
de intervenção**

Vanessa da Gloria Ferreira Paulo

São Gonçalo,

2010

Vanessa da Gloria Ferreira Paulo

**Bullying no cotidiano de escolas de São Gonçalo e programas
de intervenção.**

**Monografia apresentada como requisito para
conclusão do curso de graduação em Pedagogia
da Faculdade de Formação de Professores da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.**

Orientadora: Professora Doutora Helena Amaral da Fontoura

São Gonçalo,

2010

Aprovada em _____

Banca Examinadora

Helena Amaral da Fontoura – orientadora

Gianine Maria de Souza Pierro - parecerista

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todas as minhas conquistas, por todas as vitórias e por todos os contratempos e por ter tido a chance de aprender com ambos.

À minha mãe Solange e minha irmã Kelly pela paciência, compreensão e amor incondicional.

A minha amiga Luanda por sua amizade e suas palavras sempre sinceras.

E a minha orientadora e amiga Helena por sua inspiração, otimismo, confiança, carinho e apoio durante minha jornada.

Sumário

I – Resumo	07
II – Introdução.....	08
III – Capítulo 1 – Bullying – Um breve histórico.....	11
1.1 – E a violência nas escolas ganha um nome.....	11
1.2 – O bullying pelo mundo.....	12
1.3 – A violência escolar na mira da lei.....	14
IV – Capítulo 2 – Pesquisa de campo.....	16
V – Capítulo 3 – Pesquisas realizados no Brasil	19
3.1 – PLAN do Brasil.....	19
3.2 – ABRAPIA.....	20
3.3 – UNESCO.....	23
VI – Capítulo 4 – Cyberbullying	25
VII – Capítulo 5 – O revide	28
5.1 - As vítimas.....	28
5.2 – Conseqüências e Tragédias.....	30
5.3 – A violência como inspiração para filmes de músicas.....	33
VIII – Considerações finais.....	38
IX – Bibliografia	39

“Todos os dias, alunos no mundo todo sofrem com um tipo de violência que vem mascarada na forma de “brincadeira”. Estudos recentes revelam que esse comportamento, que até há bem pouco tempo era considerado inofensivo e que recebe o nome de bullying, pode acarretar sérias conseqüências ao desenvolvimento psíquico dos alunos, gerando desde queda na auto-estima até, em casos mais extremos, o suicídio e outras tragédias.”(DREYER,Diogo. 2003, p.13)

Resumo

O trabalho a seguir tem como objetivo principal fazer uma reflexão sobre a situação de escolas do Município de São Gonçalo frente à problemática do bullying, tendo como base duas escolas, além de conhecer um pouco de alguns trabalhos realizados no Brasil a esse respeito e as instituições responsáveis por eles. São elas três instituições importantes no campo do combate a violência, a UNESCO, a ABRAPIA e a PLAN do Brasil. Nesta pesquisa também poderemos contemplar algumas tragédias que ocorreram em decorrência do bullying, e o que a indústria dos filmes e da música pode produzir a partir delas. Um assunto que não podemos deixar de abordar é o cyberbullying que é apenas a repaginação de uma antiga prática, suas características e como esta nova modalidade de violência pode ser evitada. Traçamos um breve histórico do bullying citando desde os primeiros estudos realizados na década de 70 até a mais recente pesquisa realizada este ano. Além de abordar os aspectos do bullying buscamos dispositivos de redução desta violência no ambiente escolar. Utilizando pesquisas anteriores podemos traçar um comparativo com as escolas de São Gonçalo e entender como a violência acontece no interior destas escolas e podemos também perceber como os dados se nivelam com o resto do país.

Palavras chave: bullying, violência, escola, relações intra-escolares

Introdução

Esta pesquisa tem o objetivo de refletir e contribuir com a compreensão da violência moral, ou bullying, que é um ato cruel e deliberado de intimidação com intenção de adquirir poder e controle sobre outra pessoa, que deixa suas vítimas com sensações intensas de vulnerabilidade, medo, vergonha ou baixa auto-estima no cotidiano de escolas da rede pública do Município de São Gonçalo. Pretendo relatar que políticas as escolas têm ou podem vir a ter para lidar com este problema. Hoje o bullying é um problema que pode ser verificado em ambientes diversos como na família, em grupos sociais variados, no ambiente de trabalho, entre outros, mas nosso objeto principal é o ambiente escolar.

Através de levantamento de experiências e pesquisas realizadas no Brasil e no exterior mais precisamente nos Estados Unidos e em países da Europa buscamos articular o problema e suas possíveis soluções com escolas deste município. Medo, angústia, depressão, intimidação, humilhação são sentimentos que infelizmente muitos jovens e crianças são obrigados a enfrentar diariamente na escola. Esta agressão tem nome “bullying” que na origem do termo em inglês significa a prática de atos agressivos entre estudantes. Mas na prática cotidiana significa muito mais que isso significa, muitas vezes, uma trajetória escolar cheia de medos, vergonha, insegurança e muitas vezes raiva para muitos alunos no mundo todo.

Um fato alarmante é que na maioria das vezes esta agressão passa despercebida na escola, principalmente para quem deveria tomar atitudes contra essas práticas, ou pelo menos de quem as vítimas esperam alguma atitude, os professores, diretores e pais. Porém muitas vezes os profissionais dentro da escola não têm a qualificação ou sensibilidade necessária para detectar uma possível situação real de bullying, que acaba sendo mascarada e descartada como uma “simples brincadeira”. Quem a comete, normalmente, não se sente culpado, pois acha que se trata de brincadeira apesar de causar muito sofrimento e dor para quem é vítima da agressão. A vítima, na maioria das vezes, não reage por várias questões que serão verificadas ao longo da pesquisa.

Lógico que não podemos classificar qualquer tipo de brincadeira ou conflitos entre os estudantes como sendo bullying, ele é caracterizado por um comportamento insistente e pontual de humilhar uma pessoa repetidamente. A vítima muitas vezes é perseguida todo o tempo pelo agressor. Esta pesquisa visa também entender como se dão estas relações dentro

da escola e quais são as motivações que levam uma simples brincadeira a virar de fato uma seria agressão, que deixa marcas para toda a vida.

Esta violência não distingue cor, raça, sexo e nem classe social. Segundo a autora Marília Pontes Sposito (2004) apesar das preocupações, generalizadas, os olhares dos pesquisadores têm se voltado, majoritariamente, para as manifestações de violência entre jovens das classes populares. As vítimas normalmente são alunos frágeis, que se sentem desiguais e essa diferença é evidenciada e reafirmada em forma de preconceito fatores mínimos podem se tornar motivo de violência como, por exemplo, ser um aluno bolsista em um colégio particular, a agressão se dá de maneira incoerente apenas pela vítima não se enquadrar no modelo que o agressor julga ser o “normal” muito alto, muito baixo, muito gordo, com sardas no rosto, cabelos crespos. A vítima raramente pede ajuda, então, a escola deve ter pessoas que identifiquem este tipo de problema e procurem buscar soluções para minimizar os efeitos, causas e principalmente conseqüências dentro de escola, os agressores são crianças inseguras, que normalmente sofrem ou sofreram alguma agressão de adultos, são acostumados a ser o centro das atenções. Ambos precisam de orientações.

As motivações são diversas algumas crianças e adolescentes por influências internas e externas à escola (agressividade dos pais, parentes ou amigos, televisão ou outros grupos sociais) exercem uma relação de poder através do medo imposto sobre outras crianças e adolescentes no interior das escolas. Relações de poder estas que são identificadas em escolas por todo o mundo. A escola exerce um papel importante na atenuação ou reforço dessa prática, devido as conseqüências dessa prática varias escolas pelo mundo já incluíram em seus currículos programas anti-bullying.

O estudo foi realizado por meio de observação, coleta, análise e articulação de dados. A etapa quantitativa se deu através de questionários próprios divididos em quatro grupos – alunos, pais, gestores e professores- a escola escolhida para a pesquisa são duas escolas públicas localizadas no bairro do Galo Branco, Colégio Municipal Duque Estrada e no bairro Engenho Pequeno, Colégio Municipal Mario Quintana, ambos em São Gonçalo, Rio de Janeiro. A pesquisa foi direcionada para o quarto e quinto anos do ensino fundamental, antigas terceira e quarta séries, o objetivo é fazer uma articulação entre os dados obtidos com dados de pesquisas anteriores.

Objetivamos com esta pesquisa fazer uma análise de como uma escola de São Gonçalo se relaciona com este problema, e buscar possíveis soluções. Buscamos também conhecer as situações reais de violência nas escolas, analisar a possibilidade de realização de projetos sócio-educativos na intenção de reverter o quadro de violência em escolas do Município de

São Gonçalo. Buscamos também refletir sobre projetos que existem em escolas do estado e sobre o papel dos professores frente a esse problema, o preparo ou a falta deste para lidar com as situações de bullying na escola e entre outras questões, pretendemos compreender como se dão as relações entre vítima, agressor e a escola. Conhecer duas pesquisas sobre bullying que foram realizadas no Brasil a primeira pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência) e a segunda pela ONG PLAN BRASIL.

Capítulo 1 – Bullying – Um breve histórico.

“O bullying tem sido um problema sério em escolas, por muitos anos. Infelizmente, há até pouco tempo, poucas escolas o reconheciam como uma ameaça importante para crianças professores ou funcionários. A principal postura em relação ao problema era ignorar o comportamento e torcer para que acabasse.”
(MIDDELTON-MOZ, Jane e ZAWADSKI, Mary Lee. 2007, p.87)

O bullying começou a ser pesquisado no início dos anos 70 na Europa com o trabalho do Professor da Universidade de Noruega, Dan Olweus, que publicou o primeiro livro sobre o assunto em 1978. Depois de muitas tentativas de suicídio de jovens desesperados e desamparados. Já da década de 80, Olweus identificou pelo menos três estudantes entre 10 e 14 anos que cometeram suicídio, segundo ele, por conseqüências do bullying.

1.1 – E a violência nas escolas ganha um nome.

O termo bullying é de origem inglesa é utilizado para descrever atos de violência moral ou física entre estudantes. É derivada do termo bully que significa utilizar a força para intimidar alguém, refere-se à palavra “valentão” também. O termo foi utilizado pela primeira vez por Olweus em 1978 num livro lançado nos Estados Unidos, com o título: “Aggression in the Schools: Bullies and Whipping Boys”, que falava de tendências suicidas dos jovens, resultado das suas investigações, iniciadas em 1970. O bullying pode acontecer de várias maneiras, desde pressões e perseguições psicológicas, agressões físicas e morais, ocorrendo de forma repetitiva e sem motivo aparente, causando traumas ao psiquismo das vítimas. No geral ele é resultado do preconceito que pode ser consciente, ou não, de um indivíduo para outro na ambiente escolar, é uma violência que evidencia o preconceito.

Bullying pode assumir muitas formas ou tipos. Segundo Dan Olweus (1978), existem oito tipos de bullying:

1 - O bullying verbal, que se define pelos comentários depreciativos e vexatórios com o objetivo de denegrir ou ridicularizar a imagem da vítima ou de sua família. Pode haver associação de sua figura com algum animal, como por exemplo, xingar um aluno muito magro e alto de girafa.

2 - O bullying pela exclusão social ou o isolamento, o aluno é totalmente excluído de qualquer grupo social e muitas vezes chega ao isolamento completo.

3 - A agressão física, como bater, chutar, empurrar e cuspir. Esta é sem dúvida a forma física mais violenta do bullying, não precisando necessariamente de motivos concretos para acontecer.

4 - A divulgação de mentiras e boatos. Para Olweus este tipo de bullying era psicologicamente e socialmente arrasador. É uma forma de bullying que se perpetua e quase sempre vai perseguir o indivíduo durante um longo período da sua vida.

5 - O furto ou danos a objetos das vítimas. Associado sempre à coação ou extorsão, segundo o autor este tipo de bullying é dos mais “fáceis” de evitar, embora, infelizmente, nunca aconteça isoladamente de outro tipo.

6 - A ameaça e o forçar a cometer atos. Embora seja considerado em algumas culturas de gangs como um ritual de iniciação ou de entrada para o grupo, não deixa de ser bullying.

7 - O assédio sexual. Com maior incidência no sexo feminino.

8 - O cyberbullying. No nosso ponto de vista o mais violento psicológica e socialmente. Esta forma de bullying utiliza os meios eletrônicos (Orkut, twiter, MSN, etc...) para dar continuidade às ações que os agressores já realizam na escola.

1.2 – O bullying pelo mundo.

Em 1993 começaram a ser implantadas nas escolas norueguesas políticas anti-bullying, reduzindo assim pelo menos 50% dos casos de bullying. Atualmente todas as escolas do Reino Unido já implantaram essas políticas. O programa de intervenção proposto por Olweus tinha como características principais estabelecer regras claras contra o bullying nas escolas, convocar os professores e pais para a conscientização do problema e oferecer apoio e proteção para as vítimas.

Com o sucesso da Campanha Nacional Anti-Bullying realizada na Noruega, diversas campanhas, estudos e pesquisas pelo mundo seguiram o mesmo caminho, dos quais podemos destacar o The Des Sheffield Bullying Project–UK, a Campanha Anti-Bullying nas Escolas Portuguesas e o Programa de Educação para a Tolerância e Prevenção da Violência na Espanha, entre outros. Todos estes projetos têm um objetivo comum, sensibilizar a comunidade escolar, o corpo docente e é claro o corpo discente para apoiar os alunos alvos de bullying, fazendo com que estes se sintam seguros para falar sobre a violência que sofrem, e

principalmente com o objetivo de conscientizar os alunos para que eles próprios percebam como essa violência é banal e pode ser exterminada do ambiente escolar.

Atualmente, diversas pesquisas e programas de intervenção anti-bullying vêm se desenvolvendo na Europa e nos Estados Unidos. Um programa europeu de intervenção ao bullying teve destaque, concluído em 2001, o projeto intitulado “Training and Mobility of Research (TMR) Network Project: Nature and Prevention of Bullying”, mantido pela Comissão Européia, englobava Campanhas do Reino Unido, Portugal, Itália, Alemanha, Grécia e Espanha, com os seguintes objetivos: diagnosticar as causas do bullying nas escolas; verificar as causas desse problema em diferentes sociedades e culturas; verificar as conseqüências em longo prazo, até a vida adulta, o que é uma proposta muito interessante já que este projeto propunha o acompanhamento do indivíduo por todo o percurso escolar, até atingir a idade adulta, podendo desta maneira descrever as reais conseqüências do bullying na vida do sujeito. Mais do que um programa de redução, foi um programa de prevenção.

Uma pesquisa feita em Portugal em 2004 afirma que 9.4% dos alunos entrevistados revelaram ser agressores, 22.1% vítimas e 27.2% são tanto vítimas quanto agressores (CARVALHOSA E MATOS, 2004) Uma pesquisa recente revela que aproximadamente um em cada cinco alunos (22%) entre 6 e 16 anos já foi vítima de bullying na escola. A pesquisa mostrou também que o local mais comum de ocorrência de maus-tratos são os pátios de recreio (78% dos casos), seguidos dos corredores (31,5% dos casos) (ALMEIDA, 2003). Na Inglaterra, uma pesquisa da ONG Young Voice e publicada no livro “Bullying in Britain” mostrou que, apesar de existir uma lei que obriga as escolas a prevenir o bullying, os estudantes ainda são alvos desta violência.

De acordo com a pesquisadora Fuensanta Cerezo (2001), na Espanha, o nível de incidência do bullying se situa em torno de 15% a 20% dos alunos em idade escolar, o que vem a confirmar os dados de estudos desenvolvidos em Portugal, como nos outros países da União Européia, apontando índices semelhantes.

Nos Estados Unidos, o bullying é tema de interesse. E se destaca dos outros países pelas tragédias que foram diretamente conseqüências do bullying. O fenômeno cresce entre alunos das escolas americanas. Os índices são tão altos, que os pesquisadores americanos classificam como conflito global e afirmam que se persistir essa tendência será grande o número de jovens que se tornarão adultos abusadores e delinqüentes.

No Brasil esta realidade está se tornando cada vez mais presente no cotidiano das escolas, mas só recentemente pesquisas consistentes sobre o tema começaram a acontecer no país. Em uma pesquisa realizada em 2002 o Brasil era apontado como terceiro lugar na

classificação dos países onde ocorre maior número de mortes por homicídio e outros tipos de violência entre jovens de quinze a vinte e quatro anos. Para cada jovem que morre na Espanha ou na Irlanda, morrem quarenta e oito no Brasil. Segundo as pesquisas da autora Cléo Fante (2005, p.61) o bullying ocorrem em escolas por todo o mundo e 7% a 24% das crianças brasileiras em idade escolar estão de alguma maneira envolvidas diretamente com a violência escolar. Mas segundo pesquisas feitas pela UNESCO nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza, Curitiba e Brasília, pelo menos 60% dos alunos entre 14 e 19 anos foram vítimas de algum tipo de violência.

1.3 – A violência escolar na mira da lei.

A prática do bullying, apesar de ser freqüente no ambiente escolar e de na maioria das vezes ficar impune, fere vários artigos de lei como a Constituição Federal, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a lei especial a Lei 7716/89 entre outros.

- Constituição Federal Brasileira promulgada em 5 de outubro de 1988, a lei máxima do nosso país, afirma que somos todos iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, não sendo admitidos preconceitos ou quaisquer outras formas de discriminação. Em seu preâmbulo, declara: Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte Constituição Da República Federativa Do Brasil.
- A Declaração Universal dos Direitos Humanos que estabelece os princípios étnicos de prevenção a discriminação, dispõe que: Toda pessoa tem todos os direitos e liberdades [...], sem distinção alguma de raça, cor, sexo, idioma, religião, opinião política ou qualquer outra índole, origem nacional ou social, posição econômica, nascimento ou qualquer outra condição.

- Lei 7716/89, considerada Lei Especial, pois, define os preconceitos como crime e menciona, em seu Art. 20. Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional: Pena - reclusão, de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa. ¹
- O Código Penal, Decreto - Lei 2.848, de 7 de dezembro de 1940, estabelece que a ofensa pode ser punida conforme o artigo 140, com redação determinada pela Lei 10.741/03, parágrafo 3º com a mesma pena do delito do artigo 20, da Lei especial citada acima: Art.140. Injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro: Pena . Detenção, de 1 (um) a 6 (seis) meses, ou multa. §3º Se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência: Pena . Reclusão de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa.²

Como podemos ver, existe toda uma legislação para punir os agressores, muitos episódios trágicos poderiam ser evitados se houvesse uma política mais rígida de repressão desta prática, se os agressores entendessem que sua ação terá uma consequência. Na realidade uma questão precisa ser levantada para podermos entender melhor esse mecanismo vítima / agressor e como ele está se dando nas escolas, como as escolas estão tratando este assunto e se as vítimas estão encontrando o apoio necessário.

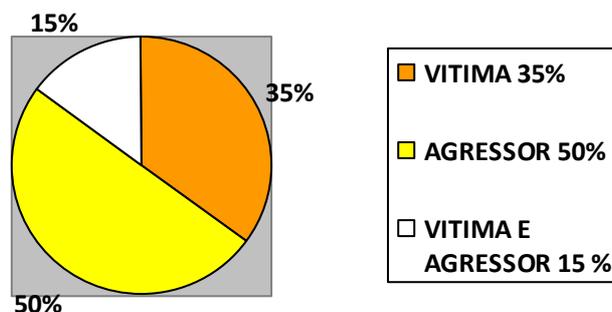
¹ BRASIL, 2008, Texto integral da lei especial nº 7716/89. p. 618

² HUNGRIA, Nélon; FRAGOSO, Heleno Cláudio. Comentários ao código penal : Decreto lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. v.1 t.1. 6.ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense, 1980.

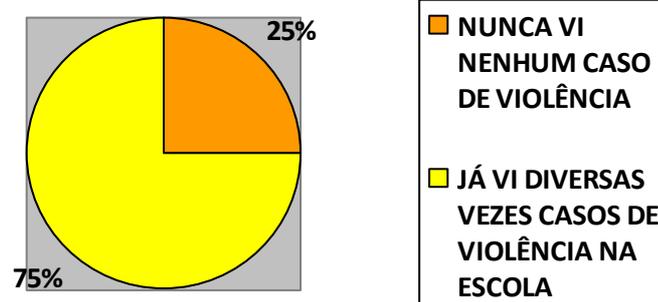
Capítulo 2 – Pesquisa de campo

A presente pesquisa foi realizada no Colégio Municipal Duque Estrada no bairro Galo Branco e no Colégio Mario Quintana no bairro Engenho Pequeno, ambas localizadas no Município de São Gonçalo. Participaram da pesquisa 50 alunos. O objetivo desta pesquisa é fazer um breve levantamento sobre a violência moral (bullying) nas escolas do Município de São Gonçalo, com este levantamento podemos observar que a violência moral é presente e constante nas escolas pesquisadas.

As entrevistas com os alunos foram feitas maneira individual, levando em conta as suas experiências pessoais no ambiente escolar a respeito da violência moral. A pesquisa revela que aproximadamente 50% dos alunos admitem já ter cometido algum tipo de violência contra um colega de escola, 35 % afirmam já ter sido vítima de alguma violência e 15% já foram vítimas e já agrediram algum colega. A maioria absoluta é de agressores, em alguns casos há uma inversão de papéis e a vítima pode virar agressor também, isto não ocorre com tanta frequência, pois normalmente as vítimas são crianças frágeis e tímidas e é um processo complicado e lento sua “transformação” em agressor.



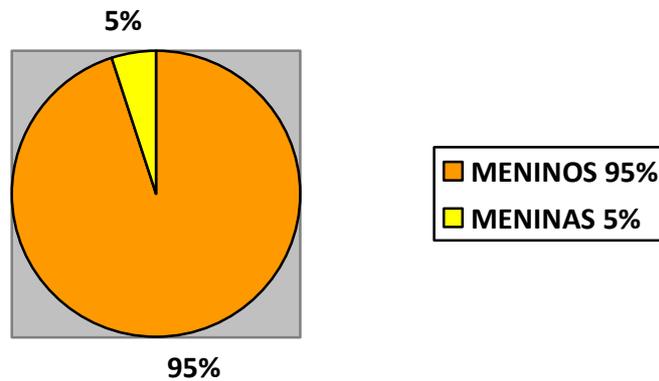
Um dado que chama muito atenção é o fato de 75% dos entrevistados relatarem já ter assistido a episódios de violência entre colegas de escola, muitos deles participando de maneira indireta (incentivando) essa prática. Segundo eles a maioria dos casos ocorre na sala de aula e os professores não tomam nenhum tipo de atitude.



Nesta parte da entrevista consideramos a visão do aluno sobre a instituição em que ele estuda, a questão levantada, tenta investigar, na opinião dos alunos, sobre o que a escola poderia fazer para diminuir a violência no interior da escola? As palavras conscientização e punição aparecem muitas vezes nos relatos dos alunos, que dizem que os colegas que praticam esta violência sabem que nada será feito com eles, não haverá punição alguma. Segundo os alunos a escola precisa ter maior diálogo para tentar evitar estas questões. Podemos verificar na pesquisa que a maior parcela de entrevistados foi vítima desta violência após os 11 anos de idade e são vítimas várias vezes por dia.

Dos alunos entrevistados que já foram vítima de bullying 90% dizem ter sido agredidos por meninos, a incidência de meninas envolvidas com essa violência é muito menor. E um grande número atribui a culpa desta violência ao próprio aluno que a pratica.

Uma conclusão a que chegamos de início é que os alunos têm receio de denunciar seus agressores, as vítimas sofrem em silêncio, pois são coagidas a não pedir ajuda a pais ou professores.



Segundo os alunos entrevistados nenhuma das escolas possui nenhum tipo de política de contenção da violência no ambiente escolar, a escola junto com os pais são responsáveis por criar uma situação em que a vítima de bullying se sinta segura para falar e pedir ajuda, deve-se ter em mente que ambas as partes envolvidas precisam de apoio, tanto a vítima quanto o agressor precisam de acompanhamento. Por último levantamos a questão da punição para os agressores, 100% dos entrevistados acham que eles deveriam ser punidos com mais rigor, os estudantes afirmam que se a escola fosse mais rígida esse tipo de atitude não seria possível no interior da escola.

Capítulo 3 – Pesquisas realizadas no Brasil

Temos relatos de várias pesquisas e projetos realizados no Brasil, destes três tem um destaque especial por sua relevância no campo da educação e da violência escolar e por sua abrangência. Uma pesquisa de vital importância e a mais recente pesquisa neste sentido no Brasil foi realizada pela ONG PLAN do Brasil com mais de cinco mil pessoas envolvidas, com o objetivo de traçar através de dados estatísticos o perfil da violência em alguns estados do Brasil. Outra instituição que também realizou um trabalho muito importante no campo é a ONG ABRÁPIA ela realizada no estado do Rio de Janeiro também com cerca de cinco mil pessoas participantes a pesquisa “Diga Não ao Bullying” com o objetivo de propor medidas para diminuição e erradicação desta violência no interior do ambiente escolar, para finalizar temos a pesquisa realizada pela UNESCO com uma abrangência nacional, mais de quarenta mil participantes e feita em 340 escolas em 13 estados espalhados de norte a sul do Brasil. O objetivo desta pesquisa é identificar e refletir sobre o impacto da violência sobre o aprendizado, é também uma tentativa de identificar os mecanismos possíveis de prevenção, redução e erradicação deste problema.

3.1 – PLAN do Brasil ³

“Os próprios alunos não conseguem diferenciar os limites entre brincadeiras, agressões verbais relativamente inócuas e maus tratos violentos. Tampouco percebem que pode existir uma escala de crescimento exponencial dessas situações. Também indicam que as escolas não estão preparadas para evitar essa progressão em seu início, nem para clarificar os alunos quais são limites e quais são as formas estabelecidas para que sejam respeitados por todos.” (PLAN, 2009)

A PLAN, uma organização não governamental de origem inglesa, com mais de 70 anos de existência já atuou em 66 países, sempre com projetos voltados para a defesa dos direitos da criança, no Brasil existem cerca de 50 projetos realizados por esta instituição

³ Ver o site <http://www.plan.org.br>. Ong fundada em 1937 pelo jornalista britânico John Langdon-Davies e pelo trabalhador refugiado Eric Muggerridge. Chamava-se, então, “Foster Parents Plan for Children in Spain”. Ao final da Segunda Guerra Mundial, a organização estendeu sua ação a crianças de outras nacionalidades da Europa e, a partir dos anos 50, a todos os continentes em que crianças pudessem sofrer a privação de seus direitos essenciais.

principalmente nos estados de Pernambuco e Maranhão; os projetos já atenderam 75 mil crianças. No ano de 2009, a Plan realizou no Brasil através do CEATS (Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor) e da FIA (Fundação Instituto de Administração) a mais recente pesquisa sobre bullying escolar no Brasil com o título “Educar para a Paz – Aprender Sem Medo” realizado em vinte e cinco escolas de cinco estados do Brasil (São Paulo, Pará, Maranhão, Rio Grande do Sul e Brasília) com a participação de 5.168 pessoas. Esta pesquisa apenas confirmou uma realidade que já estava clara no cotidiano de escolas no Brasil e no exterior, a violência, neste caso específico a violência moral, está atingindo proporções e conseqüências nunca vistas antes. Segundo os dados da pesquisa 70% dos estudantes já presenciaram algum tipo de violência contra algum colega de escola, 30% dos estudantes já sofreram algum tipo de violência, e 29% já agrediram algum colega no ambiente escolar. A pesquisa revela que o bullying acontece de maneira mais efetiva nas regiões sudeste e centro oeste. E que os estudantes entre 11 e 15 anos se envolvem com mais frequência nesta violência, seja de maneira direta ou indireta.

A pesquisa comprova ainda que há uma resistência principalmente por parte dos responsáveis (pais, professores, gestores...) em reconhecer a presença do bullying na escola, apesar de toda informação que se tem vinculada na mídia ultimamente o bullying não é facilmente diferenciado de outros tipos de violência na escola, o termo seu conceito ainda não são totalmente aceitos e reconhecidos no ambiente escolar.

A PLAN alerta que a violência hoje nas escolas está presente e é uma constante, as escolas devem criar maneiras de prevenir tanto o bullying como outras manifestações diversas de violência, devem ser criadas e aplicadas regras claras e objetivas com a intenção de coibir a ação dos agressores e oferecer ajuda as vitimas. As pessoas envolvidas com a educação devem estar atentas e envolvidas com ações para a redução e eliminação desta violência na escola. Questões como convívio social, respeito e tolerância devem fazer parte constantemente do cotidiano das aulas e devem ser incorporadas na grade curricular.

3. 2 – ABRAPIA

“Quando não há intervenções efetivas contra o BULLYING, o ambiente escolar torna-se totalmente contaminado. Todas as crianças, sem exceção, são afetadas negativamente, passando a experimentar sentimentos de ansiedade e medo. Alguns alunos, que testemunham as situações de BULLYING, quando percebem que o

comportamento agressivo não trás nenhuma consequência a quem o pratica, poderão achar por bem adotá-lo.” (ABRAPIA, 2002, p.4)

Seguindo o exemplo de países como Estados Unidos e alguns países da Europa uma iniciativa pioneira no Estado do Rio de Janeiro começa desde 1988 a pensar esta problemática no estado. Tudo começou quando seu criador o Chefe do Serviço de Pediatria do Hospital municipal Souza Aguiar Dr. Lauro Monteiro se deparou com um caso que o chocou profundamente em uma de suas enfermarias, um bebê de apenas três meses, vítima de violência, estava suspenso por uma das pernas em um aparelho de tração para tratamento de fratura do fêmur esquerdo. Três meses depois, o bebê retornou, desta vez com o fêmur do lado direito fraturado. Mais uma vítima indefesa de agressão física. Este foi um dos casos que levou o Dr Lauro, a convocar uma equipe de profissionais na área de Saúde, Educação, Direito e Serviço Social, com o propósito de criar um centro de referência para o desenvolvimento de ações e pesquisas, voltadas para a defesa de crianças e adolescentes vítimas de violência intra-familiar. Em 1988 foi fundada a ABRAPIA - Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência - uma organização não governamental, privada, mas com objetivos públicos.

A ABRAPIA desenvolveu no estado do Rio de Janeiro, em 2002, o projeto “Diga não ao Bullying. Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes.” Com o patrocínio da Petrobras, os responsáveis pela pesquisa foram os professores Aramis A. Lopes Neto e Lucia Helena Saavedra, o projeto foi realizado em 11 escolas públicas e particulares, onde 5.875 alunos de 5º a 8º séries foram ouvidos. O objetivo deste estudo foi ensinar e debater com professores, pais e alunos formas de evitar que o bullying aconteça.

A pesquisa revelou que 40,5% dos alunos destas escolas já se envolveram diretamente com esta violência seja como alvo e/ou autor. Destes 60% dos alunos entrevistados afirmaram ter sido vítima de bullying no interior de salas de aula. E 53,4% dos alunos dizem sofrer bullying várias vezes por semana. Segundo os depoimentos dos estudantes os tipos mais comuns de bullying são as praticas de apelidar e debochar.

Um dos objetivos desta pesquisa é, entre outros, chamar a atenção para que esta violência não seja tratada com normalidade pela escola, pois não é uma característica normal das crianças e adolescente serem violentos uns com os outros e a não coibição desta prática pode vir a gerar no futuro adultos violentos e sem noção de limites. Podemos observar na pesquisa que são relacionados possíveis motivos e/ou motivações para a prática desta violência:

- A criança pode não ter tido a oportunidade de experimentar relacionamentos interpessoais positivos, e que deveriam ser aprendidos ao se relacionar com pais e irmãos, num clima de amor e solidariedade.
- A criança talvez não tenha recebido a atenção e os estímulos necessários a um desenvolvimento sadio, não despertando a curiosidade necessária para o seu pleno aprendizado.
- A criança pode ter sido criada por pais agressivos, que lhe tivessem transmitido exemplos de comportamento violento.
- Pode ter aprendido com eles a ser impulsiva e a buscar soluções para seus próprios conflitos por meios agressivos.
- Pode ter sido criada com muitos agrados e poucas regras, acreditando que tudo é permitido, desde que suas vontades sejam satisfeitas.
- A criança pode não se sentir amada.

Estas são algumas das possíveis explicações a partir da observação de algumas famílias de alunos que são reincidentes em problemas na escola que envolvem ações de violência contra outros colegas.

Pouco tempo após esta pesquisa de interesse geral, e muitas outras ações voltadas para o bem estar das crianças e adolescentes, a ABRAPIA fecha as portas, por falta de apoio financeiro, empresas particulares e o Estado pararam de apoiar financeiramente seus projetos e com o tempo e as dificuldades o Dr. Lauro Monteiro parou de procurar apoio. A ABRAPIA era responsável pela criação de serviços de atendimento e denúncia contra a exploração sexual infantil, além de campanhas contra o bullying (comportamento agressivo em escolas) em todo o país. Era pioneira em vários programas e mantinha, entre outros o programa Sentinela de apoio a crianças vítimas de abuso sexual, que era mantido pela Prefeitura do Rio de Janeiro, mas que em 2005 não teve seu contrato renovado. Mantinham também o programa Teca (Telefone Amigo da Criança e do Adolescente). O programa abria um canal para as vítimas denunciarem abusos. Outro exemplo é o programa de conscientização sobre a prática de bullying (que tratamos acima) que sem financiamento teve que parar também.

Com o fim da Abrapia, surgiu o Observatório da Infância e da Adolescência no qual Lauro Monteiro continua à frente; em uma entrevista ele conta o que espera do site: “Está tudo muito lento, pois estou pagando tudo do meu bolso. Estou em busca de apoio. Levei um

ano fazendo o site, no qual pretendo divulgar os direitos das crianças e cobrar medidas neste sentido. Também vou fazer palestras e me relacionar com a mídia.”

3.3 – UNESCO

“É necessário que cada instituição escolar brasileira enfrente as violências escolares com firmeza e altivez pedagógica. A paz se constrói tão cedo quanto possível porque se a guerra nasce na mente dos homens, também nelas se pode e deve construir a paz. Em outras palavras, é por intermédio de uma educação de qualidade que consiga mobilizar o potencial criativo de crianças e jovens e assegurar o desenvolvimento pleno de sua auto-estima é que haveremos de formar mentes voltadas para a construção de uma cultura de paz.”(UNESCO, 2003)

Outra pesquisa, a nível nacional, realizada no Brasil foi a pesquisa “Violência nas escolas” da UNESCO (Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas) em parceria com a Rede Pitágoras, em 2003, com a coordenação das professoras Miriam Abramovay e Maria das Graças Rua. Entre outros o objetivo principal da pesquisa é sondar a percepção das pessoas envolvidas com a educação (alunos, pais, professores...) sobre a questão da violência, analisar as causas, frequência e gravidade dos episódios, além de avaliar os impactos desta violência no processo de aprendizado das vítimas e agressores e identificar os mecanismos utilizados para reduzir o bullying no ambiente escolar.

A pesquisa foi realizada em treze estados brasileiros (Manaus, Belém, Fortaleza, Recife, Maceió, Salvador, Goiânia, Cuiabá, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Florianópolis) com a participação de 33.655 alunos, 3.099 professores e 10.225 pais de alunos com um total de 46.979 pessoas divididas em 340 escolas públicas e particulares.

Esta pesquisa mostra que nos estados de São Paulo e de Brasília e 40% dos estudantes são ameaçados constantemente. E o número de ameaças para membros do corpo técnico pedagógico é ainda maior. Entorno de 27% a 34% dos alunos perdem a vontade de ir para a escola.

Os estudantes entrevistados afirmam faltar diálogo entre os alunos e membros da escola, e que este é fundamental para a diminuição da violência; é colocada em questão também a falta de uma maior interação entre a escola e a comunidade a fim de evitar a violência. A escola é colocada como ponto de mediação entre o aluno e a família, devendo ser

responsável por proporcionar reflexão e conscientização. Segundo a pesquisa, em algumas escolas duas estratégias têm obtido êxito no combate à violência:

1º A melhoria da relação da escola com a comunidade.

2º Abertura de canais de expressão para os alunos.

Para a UNESCO é fundamental a implementação de medidas nas escolas que promovam a disseminação de uma cultura da e pela paz que pressupõe o combate às desigualdades e às exclusões sociais e o respeito aos direitos dos cidadãos.

Capítulo 4 – Cyberbullying nas escolas

“Na internet e no celular, mensagens com imagens e comentários depreciativos se alastram rapidamente e tornam o bullying ainda mais perverso. Como o espaço virtual é ilimitado, o poder de agressão se amplia e a vítima se sente acuada mesmo fora da escola. E o que é pior: muitas vezes, ele não sabe de quem se defender.”
(SANTOMAURO, 2010, p.33)

O cyberbullying é uma nova modalidade de agressão entre os estudantes, a diferença básica entre o bullying e o cyberbullying são as ferramentas utilizadas, esta modalidade é conceituada pelo professor e idealizador do site bullying.com, Bill Belsey, como uma prática que envolve o uso de tecnologias de informação e comunicação de forma criminosa, particularmente através da Internet, para dar apoio a comportamentos deliberados, repetidos e hostis praticados por um indivíduo ou grupo com a intenção de prejudicar outra pessoa ,causar dano físico, ou virtual.

Aliado da vida moderna o computador tem sido utilizado pelos agressores para perseguir as vítimas também em ambiente virtual. As vítimas são ridicularizadas, humilhadas, expostas, ameaçadas e os agressores se utilizam de todos os instrumentos virtuais disponíveis para praticar esta violência Orkut, MSN, twiter, blogs entre outras ferramentas são utilizadas. "Quando colocamos uma fotografia na Internet, e em particular numa rede social, perdemos o controle sobre essa fotografia. Qualquer pessoa pode fazer uma cópia", alerta Tito de Moraes, fundador do projeto Miudos Seguros Na Net.

“Um dia, do nada, meu melhor amigo me chamou de falsa e começou a me difamar na escola, dizendo que eu falava mal de todo mundo... Não demorou para todos começarem a me xingar no Orkut e no twiter. Todo dia, na minha pagina havia alguém falando mal de mim. O pior é que, na internet,até pessoas que eram mais tímidas ao vivo aproveitavam para me ofender! Eu tentava deletar todos, mas nada os fazia parar. Até que eu não agüentei mais e contei para os meus pais. Minha mãe quis falar com a diretora, mas não deixei. A única saída que encontrei foi mudar de escola! Mesmo assim o bullying virtual continuou por um tempo. Isso já faz dois anos, mas a dor continua a mesma” Tais, 15 anos, São Paulo (Depoimento retirado do blog Todos contra o bullying)

Segundo a psicóloga Margarida Gaspar de Matos o cyberbullying é um “fenômeno sem rosto”, por este motivo é mais difícil exercer um controle sobre ele, chegar aos culpados nem sempre é possível. Os autores tentam se prevalecer do anonimato para agir. E as vítimas acabam por sofrer constantemente sem que muita coisa possa ser feita. Vários casos de

cyberbullying já foram relatados em várias partes do mundo, em Portugal uma jovem de 16 anos que utilizava o site Hi5 começou a receber constantes telefonemas com teor sexual e vexatório. E veio a descobrir que suas fotos que estavam expostas no site receberam várias mensagens descontextualizadas de caráter sexual. Os textos terminavam com o seu número de celular. A jovem vivia aterrorizada. Em outro caso, ainda em Portugal, uma professora teve suas fotos modificadas e postadas em um site pornográfico, e ela passou a receber vários comentários insultuosos.

Outra jovem vítima de cyberbullying teve todo o seu perfil no Hi5 alterado por seu ex-namorado que não aceitava o fim da relação ele mudou sua senha de acesso, modificou todo o perfil da página, deturpou a orientação sexual, fez montagens das fotos, colocou o número de telefone de casa, enviou mensagens difamatórias a todos os contactos do seu e-mail. Uma pesquisa realizada pelo grupo de combate Beatbullying no Reino Unido revela que um terço das crianças já sofreu algum tipo de constrangimento online. Segundo Emma Jane Cross, chefe da Beatbullying, “Claramente, o cyberbullying é um problema em crescimento que afeta milhões de crianças no Reino Unido e muitos esforços para tentar conter esse fenômeno falharam”.

A pesquisa realizada pela PLAN do Brasil revela que 16,8% dos 5.168 alunos entrevistados são vítimas de cyberbullying, 17,7% praticam e 3,5% são vítimas e autores desta violência. Segundo a pesquisa a utilização de e-mails com conteúdos maldosos é mais freqüente entre os meninos, entre as meninas a utilização do Orkut é mais comum. Às vezes são tiradas fotografias sem o consentimento das vítimas, estas são alteradas, através de montagens constrangedoras, incluindo ofensas, piadinhas, comentários sexistas ou racistas. Essas imagens, muitas vezes, são divulgadas em sites ou até são espalhadas pelos corredores da escola. Quando a vítima chega a descobrir o que esta acontecendo sua imagem já foi amplamente divulgada e se torna muito difícil sair desta situação.

Assim como ocorre no caso do bullying as vítimas sofrem profundamente, e as conseqüências podem ser devastadoras, as vítimas perdem o interesse pela escola, passam a viver em um clima de conspiração onde qualquer um do seu convívio pode ser o responsável. Esta violência gera imenso constrangimento para a vítima e muitas vezes o agressor não tem noção da proporção de suas atitudes.

“Logo que descobri que tinha diabetes, me abri com meus amigos e alguns professores. Mas uma menina popular também ficou sabendo e resolveu usar isso contra mim. Começou pela internet, fazendo um perfil no Orkut chamado A Garota Doente com várias fotos minhas. Ela me humilhava, falava que ninguém poderia sair comigo porque ia passar vergonha, já que eu não poderia comer nada. Com isso, as pessoas se afastaram de mim, não me chamavam mais

para nada. Fiquei péssima! O pesadelo só acabou quando o caso chegou a diretoria e eles fizeram a tal garota me pedir desculpas na frente de todos sob ameaça de ser expulsa.” Ana Catarina, 16 anos, São Paulo (Depoimento retirado do blog Todos contra o bullying)

Mais uma vez a escola, os pais os professores tem um papel fundamental que é o de orientar os alunos para as conseqüências desta prática e para a utilização da rede virtual, orientá-los a estar atentos quando postar alguma foto ou deixar algum dado pessoal em qualquer site de relacionamentos.

Segundo Santomauro (2010) a escola deve estar atenta na busca por soluções, ela destaca seis ações para prevenir o cyberbullying, são elas: ensinar a olhar para o outro (despertar noções de tolerância e convivência com o outro), deixar a turma falar (relações estreitas com os professores onde o aluno se sinta seguro para falar), dar o exemplo (as pessoas envolvidas devem ter um relacionamento saudável entre elas), mostrar os limites (estabelecer e explicar regras claras e objetivas), alertar para os riscos da tecnologia (deixar claro os riscos da divulgação dos dados pessoais nos sites de relacionamentos) e ficar atento (promover constantemente trabalhos de conscientização, reuniões com pais e encontros com grupos de alunos).

Capítulo 5 – O revide

Assim como em outros tipos de violência as vítimas de bullying se sentem intimidadas e acabam não pedindo nenhum tipo de ajuda, com o tempo elas vêem sua vida se destruindo e muitas vezes ainda acham que são os culpados pelo que estão vivendo, essa violência gera conseqüências, muitas vezes graves e devastadoras não só na vida das vitimas como também na vida dos agressores. Muitos tragédias já ocorreram devido, segundo especialistas, a casos de bullying e esta violência ainda não é levada a sério, muitas destas tragédias serviram de inspiração para filmes e músicas.

5.1 - As vítimas

As reações das vitimas de bullying são diversas; existem vários relatos pelo mundo de crianças e adolescentes que após sofrer por um longo período de tempo agressões morais ou físicas na escola, respondem com violência chegando a conseqüências extremas como assassinatos de seus agressores, professores, colegas e até funcionários da escola chegando muitas vezes ao suicídio.

As conseqüências para a vida escolar das vítimas são devastadoras, o aluno muitas vezes perde o interesse pela escola, recusa-se ou demonstra resistência em ir à aula, tem dificuldades de aprendizagem e de concentração, tem queda no rendimento escolar, o que pode resultar em reprovação e acabar levando à evasão escolar. Em sua vida fora da escola, as conseqüências também são severas; as vítimas costumam demonstrar entristecimento, podem apresentar problemas de insônia, costumam chegar em casa com marcas de violência física ou chorando, não gostam de falar sobre o assunto que os está incomodado, apresentam isolamento social, dão sinais de perda de auto-estima e de depressão.⁴

Daniel França de 14 anos, mais uma vítima de bullying, fez um poema para tentar externalizar um pouco de sua dor:

Já estou cansado.

⁴ Fonte - Giulietta Cucchiaro– Médica e Psiquiatra. Doutora em Medicina pela Universidade de Heidelberg na Alemanha.

*De ser tratado como um rato.
Sendo escorraçado,
Sendo motivo de graça.
De suas piadas incalculadas.
Sem opinião e humilhado por uma brincadeira.
Sem um pouco de consideração.
Sem amor, que só faz sofrer, sentir dor.*

Daniel de França.⁵

O aluno Wallace Medeiros, também de uma escola de São Paulo, conta um pouco do que sofreu: “*Já jogaram pedra na minha casa, quebraram vidros da minha janela, e sempre tacam pedra em mim*”⁶. Este depoimento deixa claro que além de o aluno sofrer no interior do ambiente escolar, o bullying também pode atravessar os muros da escola e o aluno passa a ser perseguido e ameaçado também fora dela.

Relato de uma vítima que demonstra como as conseqüências desta violência podem ser tanto psicológicas quanto físicas, as vítimas sofrem de tal forma que sua saúde é afetada, e neste caso chega a levá-la ao hospital, e como tudo pode ser superado de uma forma mais efetiva se a vítima tiver o apoio das pessoas em que confia:

“Tudo começa com ofensas, palavras, que nos magoam, até que tudo ultrapassa os limites. Batem, agredem, roubam, excluem, chegam até a ameaçar em casa. Tudo isto é horrível. Falo pela minha experiência. Fui vítima de bullying. Estou no 9º ano e mesmo assim não escapo. Até colegas da mesma turma me perseguem. Conto-lhe isto para ver que não vale a pena sofrer em silêncio, muito pelo contrário. Agrediam-me durante as aulas (iam de puxões de cabelos, a tapas, etc.). Mas superei esta experiência, pois já no 5º ano tinha sido vítima de bullying. Tudo começou numa aula em que uma professora, teve de ir buscar umas fichas no seu escaninho e nesse dia disse: "Hoje ocupem os lugares que quiserem", mas houve um problema e um colega meu sentou-se no meu lugar e eu disse: "Aí é o meu lugar". Essa pessoa partiu logo para a agressão verbal, fazendo zoações com a minha aparência física. Fui perseguida, fui rejeitada, fui acusada de ser mentirosa, por dizer verdades. Até que chegou ao ponto que foram me ameaçar em casa. Tive que aguentar esta situação até o fim do ano letivo. Até que depois de muito batalhar, e até ter sido enviada para o hospital, com uma crise de nervos, confundida com uma apendicite, consegui mudar de turma. Ultrapassei tudo com a ajuda dos meus pais, e da minha família. Por denunciar a minha situação, foi tudo resolvido mais rapidamente, e com castigo, para o bullie (o agressor). É por isso que eu aconselho, a todas as pessoas vítimas de bullying que desabafem, tudo aquilo que lhes acontece. E aos pais e encarregados de educação, que tenham atenção ao comportamento

⁵ Poema retirado de uma entrevista exibida em 28 de março de 2004 no programa Fantástico da Rede Globo.

⁶ Depoimento retirado de uma entrevista exibida em 28 de março de 2004 no programa Fantástico da Rede Globo.

dos seu filhos ou educandos, pois muitas vítimas sofrem em silêncio, mas isso manifesta-se no seu comportamento, por exemplo, se o seu filho, for um aluno com boas notas e de repente, diminuí-las; Se ele de noite tem pesadelos e acorda gritando "SOCORRO", "NÃO ME BATAM", "LARGUEM-ME"; e muitas outras situações, "investigue", pois muitas das vezes, podem ser as típicas vítimas de bullying que sofrem em silêncio.” (Depoimento retirado do blog “Sem Bullying”)

Podemos, pelo teor deste relato emocionado de mais uma vítima anônima de bullying, perceber como o sofrimento das vítimas é grande e profundo, ele além de ter sofrido esta violência carrega consigo também o sentimento de ter sido negligenciado pelos professores que assistiam a vários episódios de violência e, segundo ele, não faziam absolutamente nada.

“Eu fui vítima de bullying até o colegial. Posso dizer que os prejuízos que sofri foram imensos: falta de auto-estima, insegurança, timidez e, inclusive, prejuízo nos meus estudos. Os episódios foram os mais diversos e os mais lamentáveis possíveis, desde uma sala de aula inteira cantando uma música que eles inventaram especialmente em minha "homenagem" até levar um soco na boca do estômago e depois ser chutado no chão. Tudo isso, sob os olhos de nossos digníssimos educadores que observavam o espetáculo com a naturalidade de quem observa o pôr do sol. Hoje eu vejo matérias na mídia sobre o bullying e não posso deixar de me revoltar. Contudo àqueles que sofrem com essa prática odiosa, o meu conselho: não fiquem por aí se lamentando por isso, sentindo pena de si mesmos e, principalmente, não se deixem acovardar. Os que praticam o bullying são os verdadeiros covardes que se escondem atrás da "turma" em busca de uma ilusão de prestígio! Não são fortes! São fracos! Invejosos, inseguros, tanto de corpo quanto de mente! Hoje, posso dizer que dei a volta por cima, pois o sofrimento me tornou uma pessoa mais forte. Portanto, enfrentem o seu medo! Não se deixem rebaixar por causa de canalhas, malfeitores, trogloditas e ignorantes! Graças ao bom Deus eu encontrei forças e o meu caminho ideal para superar este problema! Mas, confesso que até hoje sou uma pessoa que não sente saudades da sua infância...uma pena! Espero que, com este depoimento, estar ajudando alguém que talvez esteja precisando de ajuda! Fiquem com Deus!” (depoimento anônimo retirado do Orkut, comunidade “Eu fui uma vítima de BULLYING!”)

5.2 – Conseqüências e tragédias.

O autor Ramiro Marques em um artigo publicado na revista Correio da Educação afirma que: “embora não seja possível traçar um perfil dos autores dos massacres em escolas e universidades, encontramos neles um traço comum: o bullying...os autores dos massacres foram vítimas persistentes e continuadas de práticas de bullying.”

Entre os anos de 97 e 98, houve cerca de 42 homicídios em escolas americanas. Vários autores afirmam se tratar de uma verdadeira epidemia de violência nas escolas americanas. Muitos dos estudantes responsáveis pelos tiroteios afirmavam ter sido vítima de bullying e

disseram à polícia que só pensaram a recorrer à violência quando suas tentativas de ajuda com seus pais ou professores se esgotaram. Vários depoimentos de sobreviventes dos massacres também afirmavam que os estudantes responsáveis foram por muito tempo vítimas de bullying por colegas de escola que os humilhavam, os agrediam, os perseguiram diariamente.

Uma das piores tragédias que se tem notícia com ligações, segundo especialistas, ao bullying, foi o “Massacre de Columbine” onde dois estudantes americanos Eric Harris, de 18 anos, e Dylan Klebold, de 17 anos, mataram 13 colegas de escola e feriram 21 pessoas entre colegas e professores. O massacre aconteceu no estado do Colorado nos Estados Unidos em 20 de abril de 1999. Depoimentos de colegas revelaram que os dois eram ridicularizados frequentemente pelos atletas da escola, eram solitários e excluídos dos grupos sociais. Registros encontrados em seus computadores apontavam que ambos remoíam planos de vingança e extravasavam seu ódio na internet.

Vários outros episódios de violência marcaram a história americana: em março de 1998, quando dois meninos de 11 e 13 anos, respectivamente, Andrew Goldem e Mitchell Johnson mataram quatro colegas e uma professora na escola Westside Middle de Jonesboro no Arkansas. Um outro adolescente Luke Woodham de 16 anos foi protagonista de uma verdadeira história de terror, em outubro de 1997, no Mississippi, ele matou a mãe em casa a facadas e depois, na escola, fuzilou dois colegas (sendo um deles sua ex namorada) e feriu sete. "Eu não tinha outra saída", explicou o adolescente depois de ser preso. Em 16 de abril de 2007 o estudante sul-coreano Seung-hui Cho de 23 anos, matou 32 pessoas e feriu mais de dez na Universidade Virginia Tech, no mais mortífero ataque em um campus universitário na história do país. O estudante deixa registrado por escrito através de um manifesto todas as humilhações e agressões que ele foi vítima na universidade, manifesto posteriormente encaminhado a uma TV local.

Outro caso conhecido foi o de um aluno do oitavo ano chamado Curtis Taylor, numa escola em Iowa, também nos Estados Unidos; segundo colegas de classe ele foi vítima de bullying por mais ou menos três anos, era xingado e humilhado constantemente, chegou a ser espancado no vestiário da escola, teve a roupa suja com leite achocolatado e os pertences vandalizados. Tudo isso acabou levando-o ao suicídio em 21 de Março de 1993. Um outro estudante que chegou ao extremo foi Jeremy Wade Delle. Ele se matou em 8 de janeiro de 1991, aos 15 anos de idade, numa escola na cidade de Dallas, Texas, EUA, dentro da sala de aula e em frente de 30 colegas e da professora de inglês, como forma de protesto pelos atos de perseguição que sofria constantemente. Esta história inspirou uma música (Jeremy) interpretada por Eddie Vedder, vocalista da banda estadunidense Pearl Jam. Outra tragédia

aconteceu em 1 de dezembro de 1997, na cidade de West Paducah no Kentucky, um adolescente de 14 anos Michael Carneal matou a tiros, após a oração matinal, onze colegas de escola, e cinco outros foram feridos. Em 21 de maio de 1998 mais uma tragédia desta vez em Springfield no Oregon, Kipland Phillip Kinkel de 15 anos matou a tiros dois colegas e feriu vinte e cinco.

As tragédias em torno do bullying, embora suas manifestações mais fortes e mais trágicas sejam em escolas americanas, não se resumem somente a elas, muitos outros países tiveram episódios semelhantes de violência. Os episódios de violência estão se espalhando pelo mundo muito rapidamente.

- Alemanha - No dia 11/3/2009, numa escola de Winnenden, um adolescente de 17 anos matou 15 pessoas, e depois foi morto pela polícia.
- Escócia – Em 1996 aconteceu o massacre de 16 crianças e um professor além do suicídio do assassino.
- Finlândia – Apesar de ser a 1º no ranking das melhores escolas do mundo também sofre com os casos de violência. Teve dois massacres conhecidos: o massacre da Escola Secundária de Jokela ocorrida em 7 de novembro de 2007, onde nove pessoas morreram entre elas seis estudantes, a diretora da escola, a enfermeira da escola e o próprio atirador Pekka-Eric Auvinen, que era estudante da escola. Horas antes do incidente, o atirador publicou um vídeo no YouTube anunciando o massacre na escola. Outro caso ocorreu em 1989 na Escola Raumanmeri, na cidade de Rauma, quando um estudante de 14 anos atirou em dois colegas.
- Canadá – Em 13 de setembro de 2006, Kimveer Gill de 25 anos abriu fogo contra alunos do Dawsons College em Montreal, matando um aluno e ferindo dezenove.
- Bavária – Na cidade de Freising, um ex -aluno atirou contra dois professores e contra o diretor antes de cometer suicídio.
- Portugal – Cidade de Mirandela, 02 de março de 2010 um aluno da escola de Mirandela Leandro de 12 anos se suicidou atirando-se no rio Tua. Depoimentos de colegas confirmaram que ele era perseguido constantemente na escola.

5.3 – A violência como inspiração para filmes e músicas

O filme “Tiros em Columbine” do diretor Michael Moore é um filme - documentário sobre o massacre do instituto Columbine; o massacre gerou além deste documentário alguns

outros filmes como o filme Elefante (2003) onde o diretor Gus Van Sant nos mostra possíveis motivações que os estudantes Eric Harris e Dylan Klebold teriam tido para cometer esta atrocidade, o filme Dawn Anna (2005) de Arliss Howard onde a personagem principal perde sua filha mais nova no mesmo massacre.

Muitos outros filmes foram inspirados por episódios de violência reais ou fictícios, como o filme “Klass” do diretor Ilmar Raag que narra o sofrimento de um garoto *nerd* de 16 anos que é perseguido, numa escola da Estônia, por um grupo de valentões. Outro título interessante é o filme “Bully” que é a história clássica do garoto riquinho valentão, que vive abusando fisicamente dos colegas, o diretor do filme Larry Clark é especialista em retratar através de filmes documentários a banalidade da violência na juventude americana. Em “Bang Bang Você Morreu” um excelente filme sobre preconceito, discriminação e violência, Trevor Adams, que já foi um estudante exemplar, era vítima de traumatizante perseguição e sua salvação veio através de um professor de teatro, que ofereceu a Trevor o papel principal de sua peça.

Além de filmes, tragédias como esta inspiraram também várias músicas com letras que falam da violência, que buscam fazer uma homenagem as vítimas ou até que satirizam toda a situação. Por exemplo as músicas "Cassie", escrita por Lacey Mosley da banda Flyleaf, e "This Is Your Time", do cantor e escritor Michael W. Smith, em homenagem a Cassie Bernall, uma das estudantes assassinadas. Cassie foi morta quando Eric e Dylan do massacre de Columbine perguntaram se ela acreditava em Deus. Se ela dissesse não, eles poupariam sua vida, mas ela disse sim, mesmo sabendo que seria morta.

Lacey Mosley (banda Flyleaf) – Cassie

Eu irei dizer sim

A questão perguntada para salvar a vida dela ou tirá-la

A resposta não evitaria a morte dela, resposta sim iria matá-la

"Você acredita em Deus?" Estava escrito na bala

Diga sim para puxar o gatilho

"Você acredita em Deus?" Estava escrito na bala

E Cassie puxou o gatilho

Todas as cabeças curvaram-se em silêncio para lembrar a última frase dela

Ela lhe respondeu, sabendo o que aconteceria

Suas últimas palavras ainda estão penduradas no ar

Quantos mais irão morrer? Eu irei morrer, eu direi sim. Sim.

Elas não amam seu viver tanto

*Como a encolher de morte
 Inspirados em seus passos
 Vamos marchar para frente
 Não fique chocado que as pessoas morrem
 Ser surpreendido você ainda está vivo.*

Michael W. Smith - "This Is Your Time".

*Era um teste pelo qual todos nós poderíamos esperar passar
 Mas a que nenhum de nós gostaria de ser submetidos
 Obrigada a negar a Deus ou viver
 Ela tinha que fazer uma escolha
 Era a hora dela
 Era a dança dela
 Era viveu cada momento
 Não deixando nada para o acaso
 Ela mergulhou no mar
 Bebeu das profundezas
 Abraçou o mistério
 De tudo o que ela poderia ser
 Era a hora dela
 Embora você esteja lamentando e chorando sua perda
 A morte morreu há muito tempo atrás
 Tragada pela vida, então a vida dela continua
 Embora seja muito difícil deixá-la partir
 E se amanhã,
 E se hoje,
 Obrigado a encarar a mesma pergunta
 Ó, o que você responderia?
 É a sua hora
 É a sua dança
 Viva cada momento
 Não deixando nada para o acaso
 Mergulhe no mar*

*Beba das profundezas
Caia nos braços da misericórdia*

*E ouça a si mesmo orando:
"Você me salvará, não é?"*

Alguns outros grupos como o Nightwish também fizeram músicas sobre o massacre de Columbine.

Nightwish- The Kinslayer - O Assassino de Parentes

*Por aqueles os tiros soam
Por aqueles as preces lamentam
Subjugam antes de uma guerra
Chamam isso de religião
Algumas feridas nunca curam
Algumas lágrimas nunca irão
Secar pelo cruel
Secar pelo cruel
Chorar pela humanidade
Mesmo os mortos choram
- Seu único conforto
Mate seus amigos, eu não ligo
Crianças-orquídeas, olhar cego
Necessidade de entender
Não precisamos perdoar
Sem verdade, sem sentido para ser seguido
"Enfrentando esse medo insuperável como se encontrasse um velho amigo"
"Hora de morrer, pobres colegas, vocês me fizeram o que eu sou!"
"Nesse mundo de milhões de religiões todos rezam do mesmo jeito"
"Suas preces são em vão, tudo vai acabar logo"
"Pai ajude-me! Guarde-me um lugar ao Seu lado!"
"Não existe Deus, acreditamos só em nós mesmos"*

*"Não será um herói, a menos que você morra, nossa espécie se alimenta daqueles feridos"
"Bêbado com o sangue das suas vítimas
Eu sinto o seu sofrimento digno de pena,
Luxúria pela fama, um jogo mortal"*

"Fuja com a sua família perfeita!"
"-Bons ventres têm gerado maus filhos..."
Amaldiçoando, Deus, por que?
Caindo por todas as mentiras
A culpa dos sobreviventes
em nós para todo o sempre
Quinze velas
Resgatam-nos desse mundo
Mergulhado em hipocrisia:
Como poderíamos saber?
Quatro rosas
Nove azuis
Duas negras

O fim da música com o trecho “Quatro rosas, Nove azuis e Duas negras” refere-se às quatro moças, nove rapazes mortos no massacre e os dois atiradores que se suicidaram.

Outro caso de bullying que levou ao suicídio e deu origem a uma música foi o de um estudante de apenas 15 anos de idade Jeremy Wade Delle, a música tem seu nome como título (*Jeremy*) é interpretada por Eddie Vedder, vocalista da banda estadunidense Pearl Jam.

Pearl Jam - Jeremy
Em casa
Desenhando figuras
De topos de montanhas
Com ele no topo
Sol amarelo limão
Braços erguidos em V
Os mortos estendidos em poças de cor marrom
embaixo deles
Papai não deu atenção
Para o fato de que a mamãe não se importava
Rei Jeremy, o perverso
Governou seu mundo
Jeremy falou na aula de hoje
Me lembro claramente

Perseguindo o garoto
Parecia uma sacanagem inofensiva
Mas nós libertamos um leão
Que rangeu os dentes
E na hora do intervalo quebrou a fama de maricas
Como eu poderia esquecer
E me acertou com um soco de esquerda de surpresa
Meu maxilar ficou machucado
Deslocado e aberto
Assim como no dia
Como dia em que ouvi
papai não dava carinho
e o garoto era algo que mamãe não aceitaria

Rei Jeremy, o perverso
Governou seu mundo

Jeremy falou na sala de aula hoje (3x)

Woo (14x)

Tente esquecer isto

Tente apagar isto

Do quadro negro

Jeremy falou na sala de aula hoje (2x)

Woo (29x)

Woooooohhh

Falou na, falou na

Woooooohhh

Uh huh, uh huh...

Considerações finais

O foco deste trabalho foi fazer uma breve observação de como anda a violência nas escolas do Município de São Gonçalo e o que tem sido feito a nível de programas de contenção e pesquisas para tentar desvendar os mecanismos desta prática. O Brasil está caminhando no caminho do desenvolvimento de técnicas e programas com o objetivo de criar políticas de contenção da violência no ambiente escolar. Alguns trabalhos foram desenvolvidos no Brasil sobre o assunto, porém com focos diferenciados, entre eles três obtiveram destaque, tomamos emprestado alguns dados para podermos ampliar um pouco nossa visão deste quadro, além disso buscamos uma articulação destas informações com os resultados obtidos na pesquisa de campo. Verificamos que os dados resultantes da pesquisa demonstram a tendência mundial da violência nas escolas, e os dados são muito parecidos com pesquisas de grande porte realizadas anteriormente.

Estes acontecimentos, em âmbito mundial, geraram além de muita dor e sofrimento às vítimas, aos seus familiares e a todos os envolvidos, uma produção consistente de filmes e músicas não só nos Estados Unidos, mas em várias partes do mundo, bandas famosas já incorporaram em seu repertório músicas sobre a violência moral e sobre as vítimas das grandes tragédias.

Vítimas estas que além de sofrer no ambiente da escola sofrem também no ambiente virtual; a violência adquire novas ferramentas e novas tecnologias com o passar do tempo, desde as primeiras pesquisas do professor norueguês Dan Olweus em 1978 muitas coisas mudaram não no teor da agressão, mas em sua proporção e nas novas modalidades que vão aparecendo.

Em nossa pesquisa vimos que a violência atinge a quase a totalidade dos estudantes entrevistados, embora os meninos sejam personagens mais ativos desta, seja este envolvimento de maneira direta ou indireta, apesar disto, muitos alunos se mostraram conscientes da necessidade de um maior envolvimento da escola e dos professores, e de uma vontade real de mudar este quadro.

Mas as escolas estão, cada vez mais, se conscientizando seja pela influência da mídia, seja por seu crescimento, da importância de uma atenção maior, e de se ter na escola preferencialmente incorporada ao currículo medidas para reduzir e para exterminar o bullying de vez das escolas.

Bibliografia

ABRAMOVAY, M. Escola e violência. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001287/128717por.pdf> acessado em 23 de junho de 2008.

ALMEIDA, FJ. As violências que estão na escola. Disponível em <http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/diretor/violencias-estao-escola-432178.shtml> acessado em 13 de abril de 2009.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Ed. Saraiva. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

CONSTANTINI, A. Bullying: Como combatê-lo? São Paulo: Itália Nova, 2007.

Cyberbullying: a perversidade virtual. Autor desconhecido. Disponível em <http://www.bullying.pro.br/cyberbullying.html>. Acessado em 03 de junho de 2010.

EMERY, MF. Bullyin Escolar (Microviolência). Disponível em <http://www.gestaouniversitaria.com.br/edicoes/156-183/20564-bullyin-escolar.html> acessado em 06 de março de 2009.

FANTE, C. Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Verus, 2005.

GOIS, A e FILHO, AP. Violência moral pode levar jovens a reações extremadas. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha.shtml> acessado em 23 de junho de 2008.

HAMZE, A. Bullying Escolar. Disponível em <http://pedagogia.brasilecola.com/trabalho-docente/bullying-escolar.htm> acessado em 20 de junho de 2008.

HIRIGOYEN, MF. Assédio Moral - A Violência Perversa no Cotidiano. São Paulo: Bertrand Brasil, 2005.

MOZ, JM e ZAWADSKI, MI. Bullying: Estratégias de sobrevivência para crianças e adolescentes. Rio Grande do Sul: Artmed, 2007.

NETO, AL e SAAVEDRA, LH. Diga NÃO para o bullying. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2008.

NOGUEIRA, RMCDPA e CHEDID, KAK. Bullying na escola e na vida. Disponível em <http://www.pedagogobrasil.com.br/pedagogia/bullyingnaescola.htm> acessado em 10 de julho de 2008.

OLIVEIRA, S.R. Cyberbullying: fenômeno sem rosto. Disponível em <http://www.educare.pt/educare/Actualidade.Noticia.aspx?contentid=45F563C7EFA931C9E0>

4400144F16FAAE&opsel=1&channelid=0 acessado em 20 de junho de 2010.

RAPHAEL, SJ. Bullying Estratégias de sobrevivência para crianças e adultos. Porto 12 juvenil e a rua: novos conflitos e a ação coletiva na cidade», in *Tempo Social, Revista de Sociologia da usp*, 5(1-2), USP, São Paulo.

SANTOMAURO, Beatriz. Violência virtual. Revista Nova Escola, São Paulo, nº 233, p. 66-73, junho/julho, 2010.

SPOSITO, M.P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. Tempo Social; Rev. Sociol.USP, São Paulo, 1993.

WASELFISZ, J. Mapa da Violência III. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, Unesco - Brasil, fev. 2002.

ZALUAR, A e LEAL, MC. Violência extra e intra muros. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092001000100008 acessado em 15 de maio de 2008.

<http://www.bullying.com.br/BBibliograf23.htm> acessado em 23 de abril de 2010.